

# LUTE COMO UMA MENINA! O VERBO É LUTAR DESDE O NASCIMENTO NA VIDA DE MENINAS E MULHERES

ADRIANA ALVES DA SILVA\*  
ANA LÚCIA GOULART DE FARIA\*\*  
DANIELA FINCO\*\*\*

## RESUMO

Este artigo instigado na interlocução com o pensamento de Rosa Luxemburgo, tem como pontos de partida três eixos da sua teoria revolucionária: 1. a crescente insegurança da existência no capitalismo, 2. a ação autônoma das massas e da necessidade histórica que as impele a auto-organização e 3. a aposta central que no princípio era a ação. Transpondo para nosso tempo histórico, lute como uma menina é a perfeita tradução de um momento Rosa Luxemburgo e da atualidade das suas ideias. Nesta perspectiva buscamos apresentar a força dos movimentos sociais de resistência de jovens meninas e mulheres contra as diversas formas de violências de gênero que vivemos atualmente. Ao trazer diferentes eventos contemporâneos que marcam o movimento feminista transnacional, realizamos uma breve cartografia da violência de gênero, problematizando suas causas e destacando a importância da dimensão política da luta coletiva nos espaços públicos, pela defesa dos Direitos Humanos. As lutas feministas nos ensinam que não

---

\* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP (2014), com estágio de doutorado sanduíche (PDSE/CAPES) na Itália (2012), junto à Università degli Studi Milano-Bicocca, em ambos estudos de pós graduação foi bolsista do CNPq. Professora substituta na Faculdade de Educação/FAED da Universidade Estadual de Santa Catarina/UEDESC atuando junto aos cursos de Pedagogia, Geografia e História; também atua na formação continuada da Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis. E-mail: [silvaida07@gmail.com](mailto:silvaida07@gmail.com)

\*\* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Coordena a linha culturas infantis do GEPEDISC- grupo de estudos e pesquisa em educação e diferenciação sócio cultural.

\*\*\* Doutora em Educação na Área de Sociologia da Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Doutorado em Educação na Área de Sociologia da Educação, pela Faculdade de Educação da USP. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp Guarulhos). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-EFLCH-Unifesp Guarulhos).

existem justificativas para as tantas desigualdades sociais e perdas, nos ensinam que luto é verbo!

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo, Gênero, Movimento Sociais, Direitos Humanos, Educação

### **ABSTRACT**

This article, instigated by the interlocution with Rosa Luxemburgo's thoughts, has as starting points three axes of its revolutionary theory: 1. the growing insecurity of existence in capitalism, 2. The autonomous action of the masses and the historical need that impels them to self-organization, and 3. The central bet that in the beginning was the act. Transposing it to our historical time, fight like a girl is the perfect translation of a Rosa-Luxemburgo moment and the present ness of her ideas. In this perspective, we seek to present the strength of the social movements of resistance of young girls and women against the various forms of gender violence we currently live. By bringing different contemporary events that mark the transnational feminist movement, we carry out a brief cartography of gender violence, problematizing its causes and highlighting the importance of the political dimension of the collective struggle, in public spaces, for the defense of Human Rights. The feminist struggles teach us that there is no justification for so many social inequalities and losses, they teach us that grief<sup>1</sup> is a verb!

**KEYWORDS:** Feminism, Gender, Social Movements, Human Rights, Education.

*"No meio das trevas, sorrio à vida, como se conhecesse a fórmula mágica que transforma o mal e a tristeza em claridade e em felicidade. Então, procuro uma razão para esta alegria, não a acho e não posso deixar de rir de mim mesma. Creio que a própria vida é o único segredo."*

Rosa Luxemburgo

## **1. A CRESCENTE INSEGURANÇA DA EXISTÊNCIA NA CRISE DO CAPITALISMO**

Vivemos hoje sob o risco de esfacelamento das conquistas de direitos da nossa jovem sociedade democrática, após trinta anos de ditadura militar nos deparamos com a fragilidade do estado de direitos, em sua mais perversa expressão, de retrocessos no campo dos Direitos Humanos.

---

<sup>1</sup> The text explores the polysemy of the word "luto" in Brazilian Portuguese, which can be either translated as the noun "grief" or the verb "to fight" conjugated in the first person of the indicative mode, meaning "I fight". (N do T)

O processo político pós golpe de 2016 que resultou no impeachment da presidenta democraticamente eleita Dilma Rousseff, desencadeou um assustador avanço das forças conservadoras, misóginas e androcêntricas, fortalecendo a tripla bancada: da bala, do boi e da bíblia e consolidando um projeto político de extrema direita, com um presidente democraticamente eleito e evidenciando uma nefasta face desta nossa frágil democracia, com perversas contradições, mas também potentes possibilidades.

Possibilidades de insurgência revolucionária desencadeada pela crise que a impõe, nesta perspectiva nosso movimento de análise perante a instigante chamada do dossiê – “Rosa Luxemburgo: Mulheres, História e Revolução, um século” foi de refletir sobre estes processos políticos recentes, alinhados a análises políticas que apontam que a crise da democracia é mundial e está intimamente associada às redes sociais e ao atual estágio do capitalismo, como entre outras contradições deste perverso sistema mas fundamentalmente como uma reação estrutural conservadora de combate as resistências ao modelo heteronormativo patriarcal – ascendências dos movimentos sociais LGBTs e sobretudo do movimento feminista, em especial o feminismo negro (RIBEIRO, 2018; DAVIS, 2017, hooks, 2018).

Tendo este panorama em vista, de crise mundial do capitalismo, defendemos que os agentes, no âmbito do Estado ou fora dele, que estariam atuando para enfraquecimento ou desaparecimento dos direitos humanos, atuam sobretudo através das forças conservadoras da mídia corporativa e recaem sobretudo para com os ‘excluídos da história’ – no caso brasileiro, os mais pobres e/ou mais fracos, e especialmente sobre as mulheres, em uma disputa e correlação de forças com a igreja – especialmente a evangélica, evidenciando as questões de controle do corpo – vide a criminalização do aborto e do lucro capitalista pela ‘mais valia’ humana (FEDERICI, 2017) que marcou o processo colonizador da África à América latina.

E nos questionamos de que formas os movimentos sociais e novos movimentos políticos se organizam, contra esta agenda conservadora e suas diversas expressões de machismo, misoginia e preconceitos de gênero? A disseminação de um discurso acerca dos “riscos” da infiltração da perspectiva de gênero nas instituições, na política e na vida cotidiana, tal ofensiva visa a, além de recuperar espaço à Igreja em sociedades envolvidas em distintos processos de secularização, conter o avanço de políticas voltadas a garantir ou ampliar os direitos humanos de mulheres, pessoas não-heterossexuais (JUNQUEIRA, 2017).

Com o crescimento nos últimos anos da força política de grupos conservadores refratários às agendas de gênero, raça, sexualidade e direitos humanos nos espaços de construção de políticas educacionais, vivemos hoje um grave momento de afirmação da dimensão a-política da escola, da invasão de grupos religiosos reacionários nos espaços de discussão pedagógica, e de retrocessos e censuras, movimentos fundamentalistas, que procuram restabelecer a antiga ordem patriarcal, cristã e heteronormativa e conter os avanços de políticas voltadas a garantir e ampliar os direitos humanos.

Do ponto de vista do luto global, nossa lista seria infindável, vivemos uma desumanidade generalizada em relação ao direito à vida e educação de mulheres e meninas ao redor do mundo, de Malala à Marielle, as violências de gênero que vivenciamos cotidianamente são estarrecedoras, dos altos índices de feminicídio, a mutilações genitais, ao tráfico e escravidão de mulheres, em diversos territórios.

E tendo como referência de método a clarividência<sup>2</sup> que identificamos no pensamento de Rosa Luxemburgo, que buscava afetar as pessoas como uma trovoadas, inflamando suas mentes com a amplitude da sua visão, a força da sua convicção e o seu poder de expressão (EVANS, 2019) – e com ele nos inspiramos, abordaremos neste artigo a dimensão de luta e resistência perante as tragédias que recaem sobre a vida das mulheres, as forças e ideias que questionam as correntes do modelo heteronormativo patriarcal, denunciando as diversas formas de violências e desigualdades estruturais de nossa sociedade, procurando revelar e problematizar as subestruturas, que de acordo com Heleieth Saffioti (2004), consistem em uma teia que dão sustentação a nossa sociedade: o patriarcado-racismo-capitalismo, buscando revelar uma "cartografia da violência de gênero" (MARONE, 2013)

Deste modo, entendemos que a resistência é um modo de estar juntas, uma oportunidade de refletir sobre as causas das violências, e mais do que lamentar pelas perdas e tragédias que vivemos em nossos dias atuais, procuramos dar visibilidade para a força do coletivo de mulheres e meninas que ocupam os espaços

---

<sup>2</sup> Em uma entrevista concedida ao cineasta Silvio Tendler em 1995 em Paris, Milton Santos declarou que a clarividência é uma virtude que se adquire pela intuição, mas sobretudo pelo "estudo", ou seja, ver pelo presente o que se projeta no futuro. In "Encontro com Milton Santos ou O mundo global visto do lado de cá", documentário, Brasil, 2006.

públicos, políticos e sociais, afinal podemos afirmar que a partir da perspectiva feminista, luto é verbo, conjugável e em movimento, como salientava Rosa Luxemburgo (LOUREIRO, 2009), no princípio não era o verbo e sim a ação!

Nesta perspectiva nosso foco recai novamente sobre meninas-mulheres, mulheres-meninas “duplamente humilhadas, ofendidas e aviltadas pelo sistema patriarcal” (SILVA, 2002, p. 27) em movimento e que causam como destacou o grande educador cubano e sua pedagogia descolonizadora José Martí: “horror à ordem”, como as que encontramos nas pesquisas apresentadas há alguns atrás no Caderno Cedes “Infância e Educação: As meninas” (FARIA, 2002) e que de certa forma retomaremos neste artigo ao evidenciar as resistências do/no presente e o poder do coletivo de meninas – mulheres em luta, no espaço da escola, no espaço das ruas, ocupando os espaços públicos, nos fronts pela re-produção vida.

Traremos para o debate no presente texto quatro eventos contemporâneos que marcaram o movimento feminista transnacional na última década: (1) a ocupação das escolas em São Paulo pelas secundaristas, (2) da Marcha Mundial das Mulheres à Marcha das Vadias, (3) o *Niunamenos* e as Marchas pela legalização do aborto na Argentina e o (4) 8M - Greve Internacional das mulheres.

Iniciaremos dando destaque para o papel social e político da escola, como espaço de emancipação das relações, numa perspectiva de gênero e feminista, um espaço que marca uma das primeiras conquistas e direitos sociais das meninas/ mulheres. Considerando que "o objeto das teorias feministas não é exatamente as mulheres, mas sim instituições, é preciso falar da escola como um espaço de estruturas e relações de poder cotidianas nas quais aquelas são posicionadas desvantajosamente. De acordo com Flávia Biroli (2014) as teorias feministas não falam estritamente de mulheres, são teorias que se definem a partir de suas posições e em diálogo com as lutas de movimentos sociais organizados, o que tem implicações epistemológicas e políticas. Assim aponta que o problema de fundo são na realidade os sentidos e limites da política, repensada de uma perspectiva que leva em conta a posição das mulheres, em uma perspectiva relacional de gênero. (BIROLI, 2017, p. 175)

“Quem não se movimenta,  
não sente as correntes que o prendem.”  
Rosa Luxemburgo

## 2. A AÇÃO AUTÔNOMA DAS MASSAS E A NECESSIDADE HISTÓRICA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO

No documentário *Lute como uma menina* (2016) de Beatriz Alonso com co-direção de Flávio Colombini temos a

... incrível história das meninas adolescentes que ocuparam escolas e protestaram nas ruas contra o projeto de reorganização escolar imposto pelo governador de São Paulo. Elas enfrentaram figuras de autoridade e a brutalidade policial para lutar por uma educação pública de qualidade e impedir que suas escolas fechassem.<sup>3</sup>

Quem são estas garotas? Que com 15 à 17 anos em 2015 enfrentaram a truculenta força policial repressora do estado de São Paulo – a mesma da chacina do Carandiru para defenderem suas escolas de uma política do governos do estado pelo fechamento e redução da rede estadual.

O filme apresenta um conjunto de depoimentos de jovens garotas paulistanas que em suas narrativas compõem um belo mosaico de vozes, sentimentos e experiências de percursos políticos formativos de uma geração de meninas-mulheres. O movimento de ocupação das escolas estaduais paulistas foi inspirado pela experiência chilena, em 2011 estudantes secundaristas ocuparam no Chile 700 escolas reivindicando passe livre e melhores condições de ensino, porém cabe salientar o protagonismo masculino nesta ocasião e os deslocamentos de gênero no contexto brasileiro.

---

<sup>3</sup> Sinopse do filme disponível em: <http://www.elafazcinema.com.br/filmes/lute-como-uma-menina/> Assim como o filme completo é facilmente localizável na integra. <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA> Acesso em 10.01.2019.



estas jovens paulistanas representam uma geração de mulheres que desde o início do século passado vem através dos movimentos feministas revolucionando a ordem patriarcal do sistema capitalista em curso.

Neste sentido de refletir sobre a resistência e o movimento de mulheres, em uma perspectiva feminista que amalgame teoria e prática, assim como temos na educação infantil a indissociabilidade da educação e do cuidado como uma premissa básica da sua estrutura, nosso objetivo no presente texto é discutir as relações que compõem uma pedagogia interseccional descolonizadora como possibilidade chave de resistência.

As meninas em luta desde bem pequenas, apresentam em seus percursos de formação e atuação no mundo reflexos de uma condição de classe, de raça/etnia e de idade, são meninas que fazem história na contemporaneidade à partir das que vieram antes delas, das lutas feministas que marcaram a história do século XX.

Salientamos que o ato de educar não é desprovido de intencionalidade política, seja para a submissão ou para emancipação humana. E considerando o nível de alienação política do povo brasileiro que ‘voluntariamente’ e no exercício democrático elegeu um presidente como Jair Bolsonaro a questão da educação e do posicionamento político se torna mais complexa e urgente, neste sentido a questão de pautar a conquista de direitos a partir dos direitos humanos na nossa avaliação é uma das questões centrais, direito à vida – com os altos índices de feminicídio e violência de gênero contra crianças, para trazer uma perspectiva feminista para a formação de professoras.

Ao longo do documentário podemos perceber que o protagonismo feminino das meninas que lutaram por suas escolas em São Paulo, em suas narrativas de atuação no movimento de ocupação destes espaços de luta, a escola, a rua, o enfrentamento das forças repressoras, foi o quando estão sendo empoderadas por outras mulheres, professoras, suas mães, suas colegas, em uma rede de fortalecimento coletivo, criativo, solidário e potencializador de novas formas de resistência e ação política.

## **MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A MARCHA DAS VADIAS**

A Marcha Mundial das Mulheres originou-se em 2000 como uma mobilização reunindo mulheres do mundo todo em uma campanha contra a pobreza e a violência. O movimento defende a visão de que as mulheres são sujeitos ativos na luta pela

transformação de suas vidas e que ela está vinculada à necessidade de superar o sistema capitalista patriarcal, racista, homofóbico e destruidor do meio ambiente.

Já o movimento da Marcha das Vadias surgiu no Canadá, batizado de Slutwalk. O movimento surgiu porque, em janeiro de 2011 na Universidade de York, um policial, falando sobre segurança e prevenção ao crime, afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas de ataque”. A reação de indignação foi imediata, pois esse pensamento transfere a culpa da agressão sexual para a vítima, insinuando que, de alguma forma, é a vítima que provoca o ataque.

No dia 03 de abril de 2011, na cidade de Toronto, aconteceu a primeira Slutwalk, uma passeata pelo fim da culpabilização da vítima em casos de agressão sexual. Aqui no Brasil organizou-se, no mês seguinte, a “Marcha das Vadias”, movimento de enfrentamento à violência doméstica. Ao longo de 2011 diversas cidades brasileiras realizaram suas marchas e, em 2012, mais de 20 cidades organizaram a primeira “Marcha Nacional das Vadias”.

Apesar da polêmica do nome, o movimento ganhou força, pois as mulheres refletiram sobre os usos e o poder da palavra “vadia”. É enfatizado no processo de mobilização e organização das marchas que há muito tempo os homens têm usado a palavra “vadia” para justificar diferentes tipos de agressão. Afirmam que as mulheres apanham porque são “vadias”, que merecem ser estupradas porque são “vadias”. Que um decote ou uma minissaia as tornam “vadias”. O termo “vadia” oprime a sexualidade das mulheres, pois torna-as um mero objeto de satisfação sexual.

Desta forma, o uso e a força da polêmica da palavra “vadia” para ressignificá-la. **“Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”** tornou-se o lema do movimento. A irreverência da reapropriação de uma palavra que carrega uma conotação tão negativa sugere o caráter subversivo da marcha. Um movimento de transgressão que busca a transformação do quadro de violência contra a mulher e a polêmica dá força para chamarem a atenção da população brasileira para este problema histórico, que há tempos não recebe a devida atenção do poder público.

Vivemos em uma sociedade que estimula a violência contra a mulher. Os números da violência doméstica são alarmantes em todo o Brasil. As últimas pesquisas publicadas revelam que o Brasil é o 7º país que mais mata mulheres em todo o mundo. O Paraná é o 3º estado em número de feminicídios. Essa é a nossa realidade e é

para isso que queremos chamar a atenção. **Ao gritarmos: “Eu sou vadia, e você?” reafirmamos que agora “vadia” virou sinônimo da mulher que luta e que não se cala diante da violência.** É a nossa força de reação e o nosso poder de mobilização. Nossos polêmicos corpos à mostra escancaram a busca pelo fim da opressão. Chocamos a população? Sim. Esse é o nosso propósito e o grande questionamento que levamos para as ruas é: **“Por que o termo vadia é mais chocante do que os números da violência contra a mulher”?**<sup>4</sup>

Figura 2 e 3 – Logo da Marcha Mundial de Mulheres Brasil e convite para a Marcha das Vadias



FONTE: <https://marchamulheres.wordpress.com/> Acesso em 10/02/2019

## NIUNAMENOS

O **NIUNAMENOS** é um movimento argentino iniciado em 2015. O primeiro evento ocorreu após a morte da adolescente Chiara Páez, 14, que estava grávida quando foi assassinada pelo namorado de 16 anos, sendo em seguida enterrada no quintal da casa dos avós do namorado assassino com a ajuda dos pais. Mas realmente ultrapassou as fronteiras argentinas em 2016 com a morte da jovem Lucía Perez, 16, que chocou todo o país. Lucía foi drogada, brutalmente violentada, empalada e morreu após ser levada ao hospital por dois homens, de 41 e 23 anos. Eles lavaram seu corpo e trocaram suas roupas antes de deixá-la desacordada

<sup>4</sup> <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/> Acesso em 10/02/2019.

para atendimento médico, alegando que a adolescente teria sofrido uma overdose de cocaína. Ela morreu em decorrência dos ferimentos e da dor provocada pelo empalamento. Após o crime bárbaro, aconteceu na Argentina a primeira greve de mulheres e até mesmo órgãos do governo dispensaram suas funcionárias para participação do ato em defesa das vítimas.

Figura 4 – Logos do coletivo *Ni una Menos*



FONTE: <https://niunamenos.com.ar/> Acesso em 10/02/2019

'Nenhuma a Menos' remete à violência, aos assassinatos, evidenciando por sua potência no âmbito dos movimentos sociais como o feminicídio tem marcas muito fortes na América Latina. Países como Brasil, a Argentina e o México têm histórias bastante marcantes de violência contra a mulher. A América Latina, apesar de ser uma das regiões do planeta que mais avançaram recentemente na criação de legislações para lutar contra a violência contra mulheres – ao menos 16 países da região têm leis específicas para enquadrar a violência de gênero –, ainda é marcada por casos de extrema violência e diferenças gigantescas de gênero.

Segundo estimativas da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), a cada dia morrem em média 12 mulheres vítimas da violência. A diferença salarial entre homens e mulheres na região chega, em média, a 26%, e 29% das mulheres não têm renda própria – 26% recebem um salário inferior ao

mínimo.<sup>5</sup> Metade das mulheres em cujos lares há crianças menores de sete anos está fora do mercado de trabalho. Um estudo publicado pelo instituto americano Pew Research em 2014 aponta que em metade dos 19 países latinos pesquisados acredita-se na afirmação de que "a mulher deve sempre obedecer ao marido". Apenas na Argentina (31%), no Chile (24%) e no Uruguai (23%), menos de quatro em cada dez adultos concordam com o ponto de vista. No Brasil, 64% dos consultados defendem a obediência da mulher. E a desobediência é muitas vezes uma sentença de morte.

Os primeiros minutos de 2017 ficaram marcados por um massacre que chocou o país. Em Campinas (SP), um homem invadiu a casa onde sua ex-mulher celebrava o Ano Novo com a família e começou a atirar. **Ela e mais onze pessoas morreram, incluindo outras oito mulheres** e o filho de ambos, de 8 anos. Em seguida, ele se matou. Sidnei Ramis de Araújo, de 46 anos, deixou algumas cartas e áudios para "explicar" sua atitude. Neles, chamou a ex-mulher de "vadia" por ter conseguido a guarda do filho em um processo que incluiu acusações de que ele teria abusado sexualmente da criança, condenou a Lei Maria da Penha – a qual chamou de "lei vadia da penha" –, e disse que queria "pegar o máximo de vadias da família juntas".<sup>6</sup>

Quatro mulheres foram vítimas de feminicídio nos últimos dias em São Paulo. Todas foram mortas pelos companheiros ou ex-namorados. O último crime ocorreu em Guarulhos, na Grande São Paulo, na madrugada de domingo (14). Ellen Bandeira, de 22 anos, mãe de um menino de 3 anos, **foi morta pelo ex-namorado, Richardson Johnson**, com quem se relacionou por 5 meses este ano. Segundo a investigação, ele vinha ameaçando Ellen de morte desde que ela rompeu o relacionamento, no meio do ano. "Ele já tentou matar ela enforcada. Já tentou matar ela com faca. Eu já vim aqui tirar ele várias vezes de dentro de casa", disse a mãe da vítima, Rosa Maria dos Santos. Segundo um tio da vítima, o assassino foi procurar a ajuda da mãe que trabalha em uma igreja evangélica a menos de 1 quilômetro de onde o crime aconteceu. Segundo os amigos de Ellen, ela o escondeu na igreja. Quando a polícia chegou, o assassino estava apanhando. Em seguida, foi preso. Richardson foi levado para o 4º Distrito Policial de Guarulhos acusado de feminicídio.<sup>7</sup>

Figura 5 – Imagens da massiva mobilização pela Legalização do Aborto na Argentina

---

<sup>5</sup> <https://oig.cepal.org/pt> Acesso em 10/02/2019.

<sup>6</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38503326> Acesso em 21/12/2018.

<sup>7</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/10/15/quatro-mulheres-sao-vitimas-de-femicidio-em-sp.ghtml> Acesso em 19/12/2018.



FONTE: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/07/internacional/1533659021\\_964914.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/07/internacional/1533659021_964914.html)  
 Acesso em 10/02/2019

Cabe também destacar dentro dos processos contemporâneos de resistências e luta pela VIDA das mulheres o YPJ – Unidade de Defesa das Mulheres que faz parte do YPG e foi fundado em 2004 pelo PYD (Partido da União Democrática), ligado ao PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão), e iniciou sua ação armada durante a guerra civil síria em 2011; no dia 19 de julho de 2012 conseguiu libertar Kobani das tropas de Assad e nos cinco dias seguintes libertou as demais cidades, ganhando repercussão e apoio internacional.

O YPG é um exército guerrilheiro de maioria curda, mas tem em suas fileiras outras nacionalidades, e até combatentes cristãos. Se organiza de forma democrática, com eleição de seus líderes. Mas um dos maiores destaques é a brigada de mulheres do YPG, a YPJ (Unidade de Defesa das Mulheres), que conta com cerca de sete mil guerrilheiras. A cada dia, novas combatentes (ex-prisioneiras, tem como princípio a cada irmã capturada nasce uma

guerrilheira) se graduam e ingressam nas unidades do exército guerrilheiro, organizam com outras mulheres comitês de defesa e têm sido essenciais na defesa de Kobani contra a tentativa de invasão do Estado Islâmico.

Esta história do nosso tempo presente, está retratado no belo filme “Filhas do Sol”<sup>8</sup> (2018) da cineasta francesa Eva Hussan, a partir do recorte cinematográfico acompanhamos uma jornalista de guerra francesa em seu encontro com Bahar a comandante desta batalhão de guerrilheiras curdas, com fragmentos das suas jornadas heróicas de sobreviventes de guerra, após seus homens (maridos, pais) serem mortos, seus filhos meninos transformados em leãozinhos – aprendizes de soldados e as mulheres submetidas a tornarem-se escravas sexuais (estimativas apontam mais de 7000 mulheres capturadas e vendidas como escravas). O filme narra uma tragédia contemporânea, que perpassa muitas histórias globais, da perversidade sistêmica da guerra como umas das ferramentas central do patriarcado, porém com foco na reexistência das mulheres e seu lema: **Mulheres, vida e liberdade!!!!**

---

<sup>8</sup> Trailer do filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ptwo4fJ0rYI>

Figura 6 – Imagens da YPJ – Unidade de Defesa das Mulheres do exército curdo



FONTE: <https://anovademocracia.com.br/no-140/5648-kobane-rojava-a-luta-das-mulheres-curdas>. Acesso em 26/06/2019

## A GREVE INTERNACIONAL DE MULHERES

“Nós paramos”: assim começa o manifesto escrito por centenas de mulheres, coletivos feministas e outras organizações da Argentina e de toda a América Latina.

O que havia sido uma série de ações nacionais se tornou um movimento transnacional em 8 de março de 2017, quando organizadoras de todo o globo decidiram entrar em greve juntas. Com esse golpe corajoso, elas politizaram novamente Dia Internacional das Mulheres. Colocando de lado as quinquilharias

cafonas da despolitização – as flores, os cartões e as mensagens de felicitações –, as grevistas restabeleceram as raízes históricas quase esquecidas dessa data: a classe trabalhadora e o feminismo socialista. (ARRUZZA, BHATTACHARYA e FRASER, 2019)

A análise histórica do quanto os movimentos feministas contemporâneos vêm se alinhando politicamente e criativamente na luta anticapitalista, anti-racista, anti-imperialista – como nos incita a recente publicação “Feminismo para os 99% um manifesto” (ARRUZZA, BHATTACHARYA e FRASER, 2019) evidencia uma perspectiva socialista que nos coloca novamente frente ao pensamento clarividente e revolucionário de Rosa Luxemburgo que ao analisar a revolução russa alerta

O sistema social socialista não deve e nem pode ser senão um produto histórico, nascido da própria escola da experiência, na hora da sua realização, nascido da história viva, fazendo-se exatamente como a natureza orgânica, da qual faz parte em última análise, tem o belo hábito de produzir sempre, com uma necessidade social real, os meios de satisfazê-la, ao mesmo tempo que a tarefa a realizar, a sua solução. E, assim, é claro que o socialismo, por sua própria natureza, não pode ser outorgado nem introduzido por decreto. Ele pressupõe uma série de medidas coercitivas – contra a propriedade etc. Pode-se decretar o negativo, a destruição, mas não o positivo, a construção. Terra nova. Mil problemas. Só a experiência {é} capaz de corrigir e de abrir novos caminhos. Só uma vida fervilhante e sem entraves chega a mil novas formas, improvisações, mantém a força criadora, corrige ela mesma todos os seus erros. (LUXEMBURGO, 1991, p. 94-95.)

Esta vida fervilhante que pulsa nas organizações feministas latino-americanas e que seguindo os passos da jornada de luta internacional de 2017, foi relançado nas convocatórias para o 8 de março de 2018 e de 2019 defendendo a unidade entre os diferentes setores do feminismo e a difusão das mobilizações. “Das mais profundas raízes dos nossos territórios aos edifícios das corporações, *vamos quebrar as correntes que nos prendem (...)* nós, mulheres, mulheres lésbicas, travestis e transsexuais, estamos organizadas, unidas pela mesma vontade e não voltaremos atrás”, afirmam as feministas, em nota. “Nós paramos desde o Alasca até a Patagônia”, acrescentam.

Figura 7 – Imagens campanha brasileira pela Greve internacional de Mulheres



FONTE: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/como-participar-da-greve-internacional-de-mulheres-no-brasil/> Acesso em 10/02/2019.

O chamado à mobilização feito pelo grupo denuncia a violência contra as mulheres e, sobretudo, a desigualdade econômica e o impacto das políticas de ajuste em suas vidas. O movimento propõe uma “feminização das resistências” contra a chamada “feminização da pobreza”. “Se nossas vidas não valem, produzam sem nós”. Este é, mais uma vez, o lema da greve que se estendeu por todo o mundo, mas foi impulsionada, principalmente, na América Latina e no Caribe, onde “o grito de ‘Nenhuma a menos, vivas nós queremos’ ecoa em todos os cantos do continente”, como já evidenciava a convocatória.

Para as organizadoras, a realização do chamado a partir dos movimentos da América Latina é importante devido à grande desigualdade econômica na maioria dos países da região, “onde 10% da população é dona de 71% da riqueza”. O manifesto defende também a realização da greve internacional de mulheres para “repudiar todas as formas de violência machista e o direito de viver uma vida livre de violência, contra os feminicídios e para lutar por todas as mulheres que estão desaparecidas, pelas presas políticas, pelas mulheres assassinadas e pelas mulheres presas por abortarem”.

Estes movimentos de mulheres também nos colocam frente a duas questões centrais que permeiam a violência de gênero e violência patriarcal (hooks, 2018) em torno de um chamado central:

o que podemos fazer perante a esta tragédia cotidiana? Ou qual a medida da nossa responsabilidade coletiva com a cultura da violência?<sup>9</sup>

Figura 8 – Imagem de divulgação do documentário a partir de imagens vinculadas pela mídia.



*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”*

Rosa Luxemburgo

### **3. NO PRINCÍPIO ERA A AÇÃO: LUTO É VERBO!!! POR UMA PEDAGOGIA INTERSECCIONAL DESCOLONIZADORA**

Uma educação emancipadora prevê professoras/es e educadoras/es com o pensamento descolonizado questionando todas as formas de autoritarismo e abolindo todas as formas de violência. Assim como vemos o protagonismo das mulheres no Movimento Sem Terra já desde a Regimar (MARTINS, 1993) vemos

---

<sup>9</sup> Aqui nos inspiramos e remetemos ao excelente documentário “Quem matou Eloá?”, de Livia Perez, 2015. Em 2008, Lindemberg Alves, de 22 anos, invadiu o apartamento da ex-namorada, Eloá Pimentel, de 15 anos, armado, mantendo-a refém por cinco dias. O crime foi amplamente transmitido pelos canais de TV. O filme traz uma análise crítica sobre a espetacularização da violência e a abordagem da mídia televisiva nos casos de violência contra a mulher, revelando um dos motivos pelo qual o Brasil é o sétimo num ranking de países que mais matam mulheres. Fonte: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/quem-matou-elo-a-documentario-evidencia-espetacularizacao-da-violencia-contra-as-mulheres-na-tv/> Acesso em 19/12/2018.

agora o protagonismo das meninas secundaristas na construção de relações horizontais entre alunos e alunas “denunciando aspectos da educação sexista” e colonizadora “evidenciando as estratégias de resistência que contribuem para a construção de uma educação mais igualitária no convívio das diferenças de idade, gênero, classe e raça.” (FINCO, GOBBI e FARIA 2015).

Buscamos uma pedagogia da infância, interseccional com perspectiva feminista, que tenha em sua múltipla intencionalidade pedagógica promover ações educativas através de intervenções artísticas – em diversas linguagens, mas especialmente as que problematizem as narrativas tradicionais dos contos de fadas (SILVA, 2018) – que se configuram como clássicos infantis mundiais e podem ser conectados com uma perspectiva de feminismo transnacional, como chave para a problematização das violências que perpassam as relações de gênero, buscando desconstruir estereótipos e normatizações de comportamentos entre homens/meninos e mulheres/meninas.

Como e quem vai abolir todas as formas de violência se ela começa em casa com a tal “palmadinha que não dói “ dada pela mãe e pelo pai? Como educar crianças feministas (ADICHIE, 2017) com as formas colonizadoras do adultocentrismo?

Astrid Lindgren (1907-2002), autora da personagem sueca transgressora *Pippi Meia Longa*, quando recebeu em 1978 o prêmio da paz dos editores alemães fez o discurso “Violência jamais” alertando as crianças para não obedecerem os adultos sem que eles justificassem por que deveriam ser obedecidos. Como era a primeira vez que o prêmio era dado a uma autora de literatura infantil ela perguntava: “será que tem um defeito de fabricação na espécie humana já que recorremos sempre à violência?” (LINDGREN, 1978)<sup>10</sup>.

Inspiradas pelas contemporâneas lições das jovens meninas – mulheres dos movimentos feministas que estão amalgamando em suas ações: educação, violência de gênero e as poéticas da resistência – enfatizando o quanto estas questões estão sendo problematizadas pela sociedade no atual contexto de retrocesso

---

<sup>10</sup> Conforme já discutido em Santiago e Faria (2018), Astrid no seu discurso: “Eu penso que se deve começar de baixo, das crianças... Quem é criança agora assumirá a direção do nosso mundo... e deverá decidir as guerras, a paz e qual sociedade pretendem, se querem uma onde a violência só aumentará ou uma sociedade em que o ser humano viva em paz e fraternidade. Existe alguma esperança que conseguirão criar um mundo mais pacífico do que nós fizemos?” (LINDGREN, op.cit., p. 17-18, tradução livre do italiano).

político que o Brasil enfrenta, colocando nós pesquisadoras/es, professoras/es e educadoras/es na/da resistência do luto à luta, sobretudo o que estão no campo da infância, a posição de protagonistas deste processo histórico de construção de uma educação antiautoritária, emancipadora, antiadulocêntrica desde a creche, desde o nascimento e na contramão das falácias da ideologia de gênero, (SANTIAGO e FARIA, 2018).

Nesta direção finalizamos sem concluir ou fechar, abrindo os caminhos de possibilidades de interlocuções e resistências transnacionais com uma última convocatória feminista, de professoras brasileiras e italianas de adesões, mobilização e participação em atividades de comemoração e luta na *Jornada Internacional de eliminação da Violência contra a Mulher* realizada mundialmente no dia 25 de novembro<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> O 25 de novembro foi declarado *Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher*, no Primeiro Encontro Feminista da América Latina e Caribe realizado na cidade de Bogotá em 1981, como justa homenagem a “Las Mariposas”, codinome utilizado em atividades clandestinas pelas irmãs Mirabal, heroínas da República Dominicana brutalmente assassinadas em 25 de novembro de 1960. Minerva, Pátria e Maria Tereza ousaram se opor à ditadura de Rafael Leônidas Trujillo, uma das mais violentas da América Latina.

Figura 9 – Montagem de imagens: Banco de uma creche municipal na cidade de Bologna, Itália, no dia 25/11/2016 indicação da intervenção artística do percurso com os sapatinhos vermelhos simbolizando a luta contra a violência contra as mulheres – inspiradas e motivadas pela intervenção política da artista plástica Elina Chauvet (na foto) na cidade de Juarez no México, onde milhares de sapatos vermelhos encheram a praça da cidade e os olhos do mundo para os altos índices de violência contra as mulheres.



FONTE: Silva, 2018.

Figura 10 – Imagens do 25 de novembro de 2016, com os Sapatinhos Vermelhos em uma creche da rede municipal de Florianópolis.



FONTE: Silva, 2018.

Figura 11 – Imagens de atividades no 25 de novembro de 2017 em uma creche de Bolonha, Itália.



FONTE: Martinelli e Quercia grossa, 2018.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**: limites da democracia no Brasil, São Paulo: Boitempo, 2014.
- BIROLI, Flávia. Teorias Feministas da política, empiria e normatividade. **Lua Nova**. 2017, n.102, pp.173-210.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- EVANS, Kate. **Rosa Vermelha**: uma biografia em quadrinhos de Rosa Luxemburgo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- FARIA, Ana Lúcia G.( org) Infância e educação: as meninas. **Cadernos Cedex**, Campinas: 56, 2002.
- FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia A. e FARIA, Ana Lúcia G.. **Creche e Feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina C. e MAGALHÃES, Joanalira C. (orgs.) **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017.
- LINDGREN, Astrid. **Mai violencia!** Salingson Förlag, Lidingö, Suécia, 1978.
- LOUREIRO, Isabel (org.), **Socialismo ou barbárie – Rosa Luxemburgo no Brasil**, Entrevistas com Paul Singer, Michael Löwy, Angela Mendes de Almeida, Isabel Loureiro, Gilmar Mauro e Paulo Arantes, 2ª edição, São Paulo, Fundação Rosa Luxemburgo, 2009.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A revolução russa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991, p. 94-95.
- MARONE, Francesca. L'Altro dei corpi. Cartografie del soggetto e violenza di genere. **Pedagogia oggi**, n.2/2013, pp. 191-206.
- MARTINELLI, Elisabetta, QUERCIAGROSSA, Maurizia. Vinte e cinco de novembro na creche: um projeto de sensibilização contra a violência de gênero física e simbólica contra as mulheres e as crianças. Dossiê Feminismo

em estado de alerta na educação de crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Revista Zero-a-seis** (UFSC), jan-jul, 2018. p. 235-245.

MARTINS, José de Souza. Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida. In MARTINS, José de Souza (coord.) **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1993. p.51-80.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo, Cia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Coleção Brasil urgente, 2004.

SILVA, Mauricio Roberto. Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da Zona da Mata Canavieira Pernambucana. FARIA, Ana Lúcia G. ( org.). **Cadernos Cedes**, Campinas:n.56, p.23-52,2002.

SANTIAGO, Flavio. e FARIA, Ana. Lúcia. G. Da descolonização do pensamento adultocêntrico à educação não sexista desde a creche: por uma pedagogia da não violência. In TELLES, Maria Amélia A.; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia G. (Orgs.) **Por que a creche é uma luta das mulheres?** Inquietações feministas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade! São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p.250-277.

SILVA, Adriana A. Niunamenos: feminismo, pedagogias e poéticas da resistência. Dossiê Feminismo em estado de alerta na educação de crianças pequenas em creches e pré-escolas. **Revista Zero-a-seis** (UFSC), jan-jul, 2018. p. 221-234.

## Filmografia

*Encontro com Milton Santos ou O mundo global visto do lado de cá*. Direção: Silvio Tendler, Brasil, 2006.

*Filhas do Sol*. Direção: Eva Husson, França, Bélgica, Suíça, 2018.

*Lute como uma menina*. Direção: Beatriz Alonso e Flávio Colombini, Brasil, 2016.

*Quem matou Eloa*. Direção: Livia Perez, Brasil, 2015.

Recebido em 30/09/2019  
Avaliado em 11/11/2019